

Masterclasse de Cinema e Música

Lauro António e Teresa da Palma
Pereira

VIDAS COM MÚSICA



Sessão 5 – 7 de Dezembro 2017 | O PIANISTA (2002)



Władysław Szpilman Władysław Szpilman, o autor de “O Pianista”, nasceu em Sosnowiec, na Polónia, a 5 de Dezembro de 1911, e faleceu em Varsóvia, no dia 6 de Julho de 2000. Foi um pianista polaco de relativa celebridade, que ficaria sobretudo conhecido por uma obra literária, autobiográfica, que publicaria primeiramente na Polónia, pouco depois do fim da guerra, em 1946, e depois da Alemanha, em 1998, depois de ser recuperado pelo filho de Władysław Szpilman, Andrzej Szpilman.

Em França surge em 2001 e é considerado o melhor livro do ano pela redacção da revista “Lire”. A obra relata de forma simples, mas profundamente emocionada, a sua sobrevivência no gueto de Varsóvia, durante a II Guerra Mundial e a ocupação nazi. Em 1946, o título era “Śmierć Miasta” (Morte de uma Cidade), e foi retirado do mercado, desta feita perseguido pelas autoridades comunistas, que o censuram pela forma como apresentava a guerra e como descrevia um oficial alemão. Muito poucas cópias sobreviveram. Cerca de cinquenta anos depois, em 1998, foi repescado e publicado em alemão e inglês (e muitas outras línguas) com o título “O Pianista”.

Em 2002 foi produzido um filme baseado nesta obra, dirigido por Roman Polanski. Judeu por nascimento, trabalhou em Varsóvia como pianista, sobretudo para a rádio oficial polaca, onde conheceu certa notoriedade. Estudou piano em Varsóvia, na Escola de Música Chopin, com Jozef Smidowicz e Aleksander Michalowski, antigos alunos de Franz Liszt. Em 1931, partiu para a Alemanha, para prosseguir os estudos na Academia de Arte de Berlim, sob a direcção de Leonid Kreutzer (piano) e Artur Schnabel (composição). Estuda composição com Franz Schreker. Nestes anos, compõe um concerto para violino, uma suite para piano, “Zycie Maszyn” (A Vida das Máquinas), e ainda várias peças para piano e piano e violino, bem como diversas canções populares. É considerado um virtuoso e um compositor prometedor. Em 1933, com a ascensão do nazismo na Alemanha, regressa à Polónia, onde em 1935 é contratado pela estação de rádio oficial. Compõe música para filmes (nomeadamente “Swit, dzien i noc Palestyny”, de Henryk Bojtm, 1934; “Wrzos”, 1938, ou “Dr.

Murek”, 1939, ambos de Juliusz Gardan), e viaja em tournée, acompanhado pelo violonista polaco, emigrado nos EUA, Bronislaw Gimpel. Com a invasão da Polónia pela Alemanha, em 1939, e a criação do gueto de Varsóvia, foi forçado a encurralar-se ali com a família, ao lado de todos os outros, polacos ou não, de ascendência judaica. Em Setembro de 1939, uma bomba lançada por um avião da Luftwaffe cala o emissor da rádio, onde Szpilman interpretava um “Nocturno” de Chopin (quando a guerra termina e a rádio polaca retoma as suas emissões, em 1945, é o mesmo Szpilman que regressa interpretando o “Nocturno” interrompido seis anos antes). Entre 1939 e 1945, continuou a trabalhar como pianista, em vários restaurantes, até chegar o momento em que os judeus começaram a ser enviados para os campos de concentração. Refugiou-se então em casa de uma cantora amiga e do seu marido, partindo depois para outros esconderijos, logrando iludir a vigilância dos nazis. Quando os alemães retiraram, passou a residir em prédios abandonados, e apostou em sobreviver. Conseguiu-o e, após a guerra, prosseguiu a sua carreira musical, tornando-se um dos mais conhecidos compositores polacos. Depois de ter assistido amargamente à deportação de toda a sua família para os campos de concentração onde os nazis semearam a morte, Szpilman sobrevive no gueto de Varsóvia, conseguindo posteriormente a fuga para o outro lado da cidade, onde acaba escondido por antigos amigos.

O relato destes anos de pura barbárie é absolutamente arrepiante. Władysław Szpilman tem uma escrita minuciosa, quase científica, anotando com pormenor um genocídio vergonhoso, onde os nazis alemães dominam, mas onde aparecem igualmente judeus polacos e ucranianos facínoras. Há descrições de doenças, de epidemias, de humilhações incalculáveis, há registos de anos de fome e invernos de frio, de crimes odiosos cometidos à luz do dia nas ruas de Varsóvia ocupada. Quando a guerra se aproxima do fim, Szpilman é ajudado por um oficial alemão, Wilm Hosenfeld, que se compadece da sua condição e se sente tocado pelos seus dotes musicais. Oferece-lhe comida e um agasalho e deixa-o escondido no sótão de uma casa condenada. Terminada a guerra, Wladyslaw Szpilman volta a ser nomeado director musical da rádio polaca, com algum sucesso, dando concertos como solista, na Europa e em África. Um dia foi visitado por um violinista amigo, Zygmunt Lednicki, que lhe contou que, num campo de prisioneiros de guerra soviético, encontrara um oficial alemão prisioneiro que lhe perguntara se conhecia Szpilman. Não conseguiu responder porque o alemão foi levado pelos militares soviéticos. Szpilman e Lednicki tentaram depois encontrar o alemão, que vieram a saber chamar-se Wilm Hosenfeld, mas não conseguiram falar-lhe nem interceder por ele junto das autoridades. Havia sido enviado para um campo secreto de prisioneiros de guerra na URSS, onde veio a morrer em 1952.

“O Pianista”, co-produção franco-polaca, com apoios alemães e ingleses, é pois a adaptação deste romance, na sua versão francesa de 2001. Acompanha com grande proximidade os factos relatados na obra literária, aqui moldada com segurança e severidade por Ronald Harwood. O filme abre com imagens de actualidades, a preto e branco, de Varsóvia, 1939. Depois, já a cores, um pianista executa um “Nocturno” de Chopin, numa estação de rádio. O filme termina com o mesmo pianista, na mesma estação de rádio, tocando o mesmo trecho musical. Dir-se-ia que nada se passou entre estas duas imagens, mas a verdade é que medeiam seis anos de puro horror. O pianista é impedido de continuar a tocar na primeira sequência porque as bombas dos nazis atingem a rua, o edifício, a sala. Pensa-se ainda que a invasão e a guerra serão de curta duração. Pela BBC, a família de Wladyslaw ouve as notícias da França e de Inglaterra, que declaram guerra à Alemanha, após a invasão do seu país. Mas, a 30 de Outubro de 1940, os judeus são encaminhados para os guetos, depois de perderem, um a um, todos os direitos. E a condição de homens. A sensação de clausura e da passagem do tempo é dada pela construção de um muro que se vai erguendo à volta das ruas do “guetto”.

Principia assim o que parecia impossível vir a acontecer: milhares de pessoas, com a estrela de David no braço, circulam por ruas sitiadas, cada vez mais alheadas do horror que as circunda: corpos mutilados, mortos que se afastam com o pé ao passar, gente que pergunta por familiares desaparecidos, dor, uma dor infinita que se multiplica de rosto em rosto. O horror já não provoca estranheza. Entrou no quotidiano. Como alguém diz: “O paciente não sente nada. Está anestesiado.” O terror invade tudo e todos e pode esperar-se o mais inconcebível: durante a noite, um carro militar pára frente à casa onde vive a família Lednicki. Os soldados saem. As luzes acendem-se em todos os andares do prédio, à chegada do carro. Com o som dos passos dos soldados, todas as janelas se apagam, depois voltam a acender-se, uma a uma. Na varanda frente ao olhar de Zygmunt Lednicki, uma família é desalojada. Um enfermo é lançado pela janela atrelado à sua cadeira de rodas. Na rua, os militares gritam aos familiares: “Corram!”, e depois abatem-nos a tiro, pelas costas. Quando o carro militar se afasta, passa por cima dos corpos que ainda não são cadáveres. Ouvem-se gritos. 16 de Agosto de 1942: as casas dos ghetos são evacuadas, os judeus vão viajar para “campos de trabalho”. Esperam a chegada dos comboios, numa das sequências mais dramáticas. Reparte-se um rebuçado por seis pessoas. Uma mulher chora o bebé sufocado com as suas próprias mãos, para os SS não o ouvirem. Sem resultado. Depois, muitas centenas de quilómetros em vagões, amontoados como gado, a caminho de Treblinka e da solução final: de meio milhão de judeus, restam 60 mil.

O horror instituído como forma de vida com passagem rápida para a morte. Muitos a desejam, em vez de... Wladyslaw Szpilman consegue ser poupado à última hora e regressa às ruas desertas do gueto, povoadas

apenas por mortos e fantasmas e debruadas por ruínas fumegantes. Passa um cortejo de prisioneiros conduzidos por militares. Paragem forçada. Seleccionam-se uns quantos que avançam um passo em frente. Grita-se a ordem: “Deitem-se!” Abatem-se com um tiro na nuca. O militar pergunta : “Sabem por que foram mortos ? Para comemorar o Ano Novo.” Percorrem-se as ruas de uma cidade assassinada, apenas possuída pelas sombras do Mal mais ignóbil e do medo. A que se junta a revolta, a partir de Abril de 1943. Os judeus começam a resistir, a organizar emboscadas, a responder com armas às armas dos nazis. Wladyslaw Szpilman desencadeia uma cadeia de auxílio em seu redor. Amigos e resistentes vão-no escondendo, de casa em casa. Ele é um observador, um homem que se vai salvando sem quase se perceber porquê. Aquele que vai espiando o que sucede, de cima de um prédio, do interior de um hospital em ruínas, por detrás de uma janela. Vai sobrevivendo com a sorte de um lado, a solidariedade do outro. Quase todos o olham, dir-se-ia que inconscientemente, como o representante da música, da arte, do que há de mais puro no ser humano, o que há de mais humano na Humanidade. Por isso o vão passando de mão em mão. Salvaguardando-o, miraculosamente. Até aparecer Wilm Hosenfeld, o oficial alemão que o olha igualmente sob essa perspectiva e o ajuda a sobreviver com alimentos e roupa. Não sem antes se passarem muitas outras peripécias, entre as quais uma cena que perdurará na história do cinema. Frente ao hospital militar, uma jovem foge e é abatida com um tiro pelas costas. Cai, ajoelhando, as pernas dobram-se e todo o corpo se fecha em concha, permanecendo assim sempre que a câmara varre a rua. É uma estátua de carne e osso. Tal como uma “Pietà”, mas esta despojada na solidão de uma rua. É uma imagem de um dramatismo e de uma beleza sufocante.

“O Pianista” tem a convicção do grande romance que adapta, a que se junta a convicção de Polanski que viveu as mesmas horas, os mesmos acontecimentos. Este é um filme cujas imagens nunca teriam a força que estas mostram se não tivessem sido vividas por quem as escreveu e as filmou. Há momentos que nenhuma imaginação, por mais criadora que seja, inventa do nada. Cada imagem de “O Pianista” recupera uma ou várias memórias pessoais de um drama colectivo. Esta crónica de um sobrevivente de um tempo indescritível, vive ainda da junção de vários factores que tornaram mágica esta filmagem: o impressionante rigor da construção da fotografia, da cor ao enquadramento, a banda sonora, com uma partitura musical de uma envolveria solene, e a interpretação de um elenco sem mácula, onde avulta a figura de Adrien Brody, numa composição invulgarmente perfeita, comedida, discreta, que oscila entre o espanto e a humilhação, entre o heroísmo e o pavor, nunca deixando de ouvir o som de um piano que, de alguma forma, redime a abominação que o cerca.



O PIANISTA

Título original: The Pianist ou Der Pianist ou Le Pianiste ou Pianista

Realização: Roman Polanski (França, Alemanha, Inglaterra, Polónia, 2002); **Argumento:** Ronald Harwood, segundo romance de Wladyslaw Szpilman; **Produção:** Robert Benmussa, Roman Polanski, Alain Sarde, Lew Rywin, Rainer Schaper, Timothy Burrill, Daniel Champagnon, Gene Gutowski, Henning Molfenter; **Música:** Wojciech Kilar; **Fotografia (cor):** Pawel Edelman; **Montagem:** Hervé de Luze; **Casting:** Celestia Fox, Heta Mantscheff; **Design de produção:** Allan Starski; **Direcção artística:** Sebastian T. Krawinkel, Nenad Pecur; **Decoração:** Anna B. Sheppard; **Maquilhagem:** Didier Lavergne, Waldemar Pokromski; **Direcção de produção:** Oliver Lüer, Henning Molfenter, Françoise Piraud; **Assistentes de realização:** Ewa Brodzka, Zbigniew Gruz, Weronika Migon, Ralph Remstedt, Oliver Schnug, Marcin Szczerbic, Caroline Veysiére; **Departamento de arte:** Zuzana Cizmarova, Marek Kukawski; **Som:** JeanMarie Blondel, Paul Conway, Gérard de Lagarde, Gérard Hardy, Stephane Lioret, Alexandre Widmer; **Efeitos especiais:** Alister Mazzotti, Hans Seck, Kazimierz Wróblewski; **Efeitos visuais:** Christian Künstler, Joyce Menger, Frederic Moreau, Hans Seck; **Companhias de produção:** R.P. Productions, Heritage Films, Studio Babelsberg, Runteam, Agencja Produkcji Filmowej, Beverly Detroit, Canal+ Polska, Canal+, FilmFernsehFonds Bayern, Filmboard Berlin-Brandenburg (FBB), Filmförderungsanstalt (FFA), Interscope Communications, Mainstream S.A., Studio Canal, Telewizja Polska (TVP); **Intérpretes:** Adrien Brody (Wladyslaw Szpilman), Thomas Kretschmann (Capitão Wilm Hosenfeld), Frank Finlay (pai), Maureen Lipman (mãe), Emilia Fox (Dorota), Ed Stoppard (Henryk), Julia Rayner (Regina), Jessica Kate Meyer (Halina), Michal Zebrowski (Jurek), Wanja Mues, Richard Ridings, Nomi Sharron, Anthony Milner, Lucy Skeaping, Roddy Skeaping, Ben Harlan,

Thomas Lawincky, Joachim Paul Assböck, Roy Smiles, Paul Bradley, Daniel Caltagirone, Andrzej Blumenfeld, Darian Wawer, Zbigniew Zamachowski, Lejb Fogelman, Detlev von Wangenheim, Popeck, Zofia Czerwinska, Emilio Fernandez, Udo Kroschwald, Uwe Rathsam, Joanna Brodzik, Katarzyna Bargielowska, Maja Ostaszewska, John Bennett, Cyril Shaps, etc. **Duração:** 150 minutos, **Distribuição em Portugal:** LNK; **Classificação etária:** M/ 16 anos; **Estreia em Portugal:** 13 de Dezembro de 2002; **Locais de filmagem:** Babelsberg, Potsdam, Jüterbog, Brandenburg, Beelitz, Berlim, Estúdios Babelsberg (Alemanha); Varsóvia, Hotel Saski, Bankowy, Instalatorów, Ochota, Konopacka, Praga Pólnoc, Kozia, Krakowskie Przedmiescie, Mala, Praga Pólnoc, Norblin Factory, Wola, Rembertów, Stalowa, Praga Pólnoc, Zabkowska (Polónia).